

A escolha do livro didático de química à luz da teoria da subjetividade

The choice of the chemistry textbook in the light of the theory of subjectivity

La elección del libro de texto de química a la luz de la teoría de la subjetividad

Rafael Silva de Araujo¹

Bruno Silva Leite²



<https://doi.org/10.28998/2175-6600.2024v16n38pe15843>

Resumo: Esta pesquisa analisa os pressupostos que influenciaram a escolha do livro didático de Química (LDQ) à luz da teoria da subjetividade por docentes de Química de seis escolas públicas, sendo os sentidos, as configurações subjetivas, o sujeito e a subjetividade individual e coletiva ferramentas para identificar as influências da seleção do LDQ. Por meio de uma abordagem qualitativa utilizou-se a análise de conteúdo para qualificação dos dados. Os resultados evidenciam que o processo de escolha do LDQ é complexo e apresenta nuances que variam de professor para professor, mas que apontam para um objetivo em comum, selecionar o melhor LDQ para atender o objetivo principal de sua prática pedagógica: a aprendizagem dos conteúdos químicos pelos estudantes.

Palavras-chave: Livro didático de química. Teoria da subjetividade. Análise de conteúdo.

Abstract: This research analyzes the assumptions that influenced the selection of the Chemistry Textbook (CT) in light of the theory of subjectivity by Chemistry teachers from six public schools, being the senses, subjective configurations, the subject, and the individual and collective subjectivity tools to identify the influences of the CT selection. Through a qualitative approach, content analysis was used to qualify the data. The results show that the process of choosing the CT is complex and presents nuances that vary from teacher to teacher, but they point towards a common goal: selecting the best CT to meet the main objective of their pedagogical practice: the learning of chemical contents by students.

Keywords: Chemistry Textbook. Subjectivity theory. Content analysis.

¹ Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0608-5706>.

Contato: rafael_gemios@hotmail.com

² Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9402-936X>.

Contato: brunoleite@ufrpe.br



Resumen: Esta investigación analiza los supuestos que influyeron en la elección del libro de texto de Química (LTQ) a la luz de la teoría de la subjetividad por parte de profesores de Química de seis escuelas públicas. Los sentidos, las configuraciones subjetivas, el sujeto y la subjetividad individual y colectiva son herramientas para identificar las influencias de la selección del LTQ. A través de un enfoque cualitativo, se utilizó el análisis de contenido para calificar los datos. Los resultados evidencian que el proceso de elección del LTQ es complejo y presenta matices que varían de profesor a profesor, pero apuntan hacia un objetivo común: seleccionar el mejor LTQ para cumplir el objetivo principal de su práctica pedagógica: el aprendizaje de los contenidos químicos por parte de los estudiantes.

Palabras clave: Libro de texto de química. Teoría de la subjetividad. Análisis de contenido.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo se trata de um recorte de uma dissertação que aborda as perspectivas dos professores de Química de escolas de tempo integral do estado de Pernambuco sobre o processo de seleção do Livro Didático de Química (LDQ) à luz da teoria da subjetividade.

Neste sentido, compreendemos que a sociedade tem atuado como produtora de conhecimento e saberes, e para “armazenar” essas informações, o livro se mostrou como um recurso apropriado. Esse recurso tem se caracterizado como um instrumento de guarda de informação ao longo dos anos. Logo, as informações inseridas nos livros poderiam ser passadas de geração em geração e os conteúdos poderiam ser perpetuados por várias décadas e ajudar a entender o que ocorreu no passado e o que acontecerá no futuro.

A escola é um dos espaços privilegiados de construção de conhecimento, ocorrendo o diálogo entre as linguagens científicas e seus códigos no ambiente escolar. Um grande auxiliar no entendimento dessas linguagens e códigos é o livro didático (LD). O uso do LD pode proporcionar grandes benefícios para aprendizagem do estudante e no trabalho docente, podendo ser usado de várias formas e proporcionando um ensino voltado para aprendizagem científica que relacione o cotidiano do estudante com a ciência trazida pelo livro, contribuindo para uma alfabetização científica do estudante, além de assumir quatro funções (referencial, ideológica/cultural, instrumental e documental) que variam de acordo com o ambiente sociocultural, as disciplinas, os níveis de ensino, os métodos e as formas de utilização (ARAÚJO; LEITE, 2021).

Esse recurso didático assume uma complexidade que poucos materiais didáticos podem se incumbir, pois sua inserção no espaço escolar envolve diversos aspectos e pessoas no seu trato, carregando uma bagagem de características que o LD pode proporcionar a seus usuários. O processo de escolha do LD e seu uso de forma



consciente e crítica por todos os envolvidos nos processos de ensino e aprendizagem tem sido discutido na literatura (ARAÚJO; LEITE, 2021). Segundo Alves e Magalhães Júnior (2020), para compreender as escolhas dos professores em relação à escolha do LD é preciso investigar os critérios adotados pelos docentes na seleção da obra. Todavia, poucos estudos destacam as características subjetivas na escolha do LD.

Nesse contexto, para que o LDQ atue de forma efetiva nos processos de ensino e aprendizagem é preciso entendê-lo em sua complexidade e entender como se dá sua escolha. Destarte, este artigo tem como objetivo apresentar os pressupostos que influenciaram a seleção dos LDQ pelos professores em seis escolas públicas à luz da teoria da subjetividade. A teoria da subjetividade pode ajudar a compreender a complexidade que existe no processo de escolha do LDQ, havendo vários elementos que influenciam no processo de seleção do LDQ.

2 SUBJETIVIDADE E SUAS PARTICULARIDADES

A subjetividade é um tema de pesquisa que vem sendo abordado em várias áreas do conhecimento, em busca de entender como a complexidade do pensamento humano se organiza em seus vários contextos individuais e sociais. Nesse sentido, essa complexidade é compreendida e internalizada como “[...] a qualidade do sujeito que os produz, qualidade que não é definida apenas por uma expressão racional, mas por uma expressão simbólico-emocional, que caracteriza a produção psíquica nos diferentes espaços e áreas da vida humana” (REY, 2007, p. 129).

Um dos nomes que referenciam a teoria da subjetividade é o autor Fernando Luis González Rey. Suas pesquisas voltadas para o entendimento do subjetivo começaram por volta da década de 80 a partir dos estudos da psicologia humanista que vinham sendo feitos na antiga União Soviética por Lev Vygotsky, principiando na sua teoria crítico histórico-cultural. Esse período, dos anos 80, marcava uma psicologia que entendia o ser humano como algo que poderia ser racionalizado em algo concreto e palpável, sendo o positivismo um grande influenciador nas pesquisas científicas que eram direcionadas para o entendimento dos processos psíquicos que aconteciam na mente humana.

Em relação às categorias que embasam os processos epistemológicos e metodológicos da teoria da subjetividade, Rey e Martínez (2017) apresentam os conceitos desenvolvidos para viabilidade dos processos e organização da subjetividade, sendo eles: sentido subjetivo, configuração subjetiva, sujeito, subjetividade individual e subjetividade social (REY; MARTÍNEZ, 2017). No entanto, segundo Rey e Martínez (2017, p. 67) esses



conceitos “se constituem mutuamente, não de maneira que influencie o outro, como nos sistemas deterministas. Esse é um aspecto essencial pelo qual o sistema configuracional se diferencia de outro sistema teórico”. Destarte, cada elemento se constitui individualmente, mas ao mesmo tempo influenciam um ao outro para caracterizar os atributos subjetivos que cada indivíduo carrega atrelado ao seu contexto social.

Nesse sentido, é pujante conhecer cada conceito que viabiliza e organiza a teoria da subjetividade para conceber como essa teoria pode ajudar a compreender o processo de escolha do LDQ pelos professores, sendo um processo que apresenta atributos subjetivos complexos.

2.1 Sentido subjetivo

Os sentidos subjetivos são considerados as menores unidades que compõem a subjetividade que cada indivíduo carrega, sendo um elemento fundamental no desenvolvimento humano, caracterizando-se em um momento constituinte e constituído da subjetividade (REY; MARTÍNEZ, 2017).

O sentido subjetivo é capaz de integrar formas diferentes de registro (social, biológico, ecológico semiótico etc.) numa organização subjetiva que se define pela articulação complexa de emoções, processos simbólicos e significados (REY, 2005; REY; MARTÍNEZ, 2017). Consequentemente, compreendemos que o sentido subjetivo é algo dinâmico sendo constituído pelo simbólico e o emocional, estando em constantes mudanças devido às emoções, ao contexto social e individual em que passam cada pessoa durante seu percurso de vida. Assim, os sentidos surgem durante o curso da experiência de vida, caracterizando o que a pessoa sente e produz de sentidos, definindo a natureza subjetiva das experiências humanas. Esses processos surgem na vida social culturalmente organizada facilitando a junção do passado e futuro como qualidade da produção subjetiva atual (REY; MARTÍNEZ, 2017).

O subjetivo que acompanha o sentido, que faz parte da subjetividade, vem não apenas como um complemento, mas como algo que vem dar sentido ao sentido subjetivo, pois a complexa organização simultânea que o simbólico e emocional se organiza durante os processos diários e experiências vividas pelos sujeitos é que tornam os sentidos algo subjetivo no entendimento desse marco teórico. Desta maneira, o “termo subjetivo não se trata de uma adjetivação que acompanha a palavra sentido, mas diz-nos dos diferentes elementos substantivos com os quais o sentido ganha vida e contornos, os quais serão teoricamente conhecidos nas configurações subjetivas” (SOUZA; TORRES, 2019, p. 39).



Os sentidos subjetivos têm um papel fundamental de qualificar os fatos por nós vividos durante nossa vida, pois esse atributo caracteriza a subjetividade do que é experienciado em configurações subjetivas que não são qualificadas como respostas racionais ao que é vivido, mas vem demonstrar a complexidade e organicidade que está associada ao contexto social que os seres humanos tanto individualmente, como coletivamente vivem na construção da subjetividade (SOUZA; TORRES, 2019). Assim, fica claro que

Os sentidos subjetivos de uma determinada experiência não estão restritos a essa experiência. Eles estão amalgamados com os sentidos subjetivos de outras vivências as quais ganham novos contornos subjetivos no curso da experiência atual. Nessa direção, os sentidos subjetivos destacam a singularidade e complexidade de uma vivência que, teoricamente, rompe com a padronização e universalização na compreensão dominante dos fenômenos psicológicos (SOUZA; TORRES, 2019, p. 39).

Outra característica importante atribuída aos sentidos subjetivos é seu caráter fluido e dinâmico que acaba gerando uma teia de sentidos que produz vários significados para um mesmo sentido, sendo uma qualidade inseparável desse atributo da subjetividade em que os significados não ficam presos a uma única verdade, existindo um movimento gerador de sentidos no caminho das experiências, acontecendo sempre uma nova produção de sentidos entre o passado e o presente. Desta forma

As experiências não se sobrepõem ou anulam-se umas às outras no curso de novos fatos vividos. Elas são subjetivamente transformadas por novas produções de sentidos subjetivos as quais rompem com a ideia de que os fatos concretos, na origem das experiências, formatam seus desenvolvimentos (SOUZA; TORRES, 2019, p. 39).

Os sentidos subjetivos são caminhos pelos quais o passado e a diversidade de experiências presentes vividas por indivíduos em diferentes instâncias sociais são integrados em uma configuração subjetiva (REY, 2005; REY; MARTÍNEZ, 2017).

A partir desse entendimento do conceito de sentidos subjetivos, partimos para as configurações subjetivas que são formadas pela junção de vários sentidos subjetivos que são internalizados ao longo da experiência vivida do indivíduo.

2.2 Configurações subjetivas

Todas as experiências são internalizadas e organizadas em nosso consciente de tal forma que elas vão nos moldando, construindo nossas personalidades, o ser humano que vamos ser e a mutabilidade que todas as pessoas carregam consigo ao longo da



vida. Assim, Rey (1995) atribui a sua teoria da subjetividade o elemento da configuração subjetiva, sendo a organização dos sentidos subjetivos com seus múltiplos e dinâmicos sentidos. Assim, ele dispõe que

A integração de múltiplos elementos dinâmicos em torno de um sentido psicológico específico, de modo que uma configuração possa ser incluída dentro de outra não como diferentes elementos que se integram, mas como parte de um novo nível qualitativo de organização psíquica (REY, 1995, p. 59).

Essa categoria nos permite compreender como o ser humano organiza suas experiências vividas a partir dos sentidos subjetivos que ele atribui a cada elemento que é apresentado e dado um significado pessoal. Neste sentido, essas configurações subjetivas vão se organizando a partir de novas experiências e uma não esgota a outra, existindo uma dinâmica organizacional subjetiva dos sentidos que são internalizados. Rey e Martínez (2017, p. 65) compreendem que

Trata-se de um atributo fundamental da configuração subjetiva, que é uma formação de autogeradora que surge do fluxo diverso dos sentidos subjetivos, produzindo, de seu caráter gerador, grupos convergentes de sentidos subjetivos que se expressam nos estados subjetivos mais estáveis dos indivíduos no curso de uma experiência (REY; MARTÍNEZ, 2017, p. 65).

Essas configurações apresentam uma qualidade que é a sua maleabilidade e sensibilidade nas diferentes vivências, pois são produzidas a partir dos sentidos subjetivos. Desse modo, as configurações apresentam um fluxo contínuo e variável nas suas organizações, sendo dependentes da produção de recursos a partir da personalidade de um indivíduo para se colocar em jogo os sentidos e acontecer a produção de um novo sentido subjetivo, que não anula o outro, mas estão recorrentemente nas bases das configurações subjetivas dos sujeitos (SOUZA; TORRES, 2019). Ademais, as configurações subjetivas são maleáveis, assumindo diferentes formas de acordo com o contexto e com o estado psicológico de um determinado indivíduo no momento dessa experiência concreta (REY, 2005; REY; MARTÍNEZ, 2017).

Fica evidente que os sentidos subjetivos e as configurações subjetivas apresentam uma relação de quase uma simbiose, pois cada uma delas recorrem aos seus atributos para completarem as subjetividades que cada pessoa apresenta. Logo, as configurações subjetivas de um determinado momento experiencial se relacionam com as configurações de outro momento vivido pelo indivíduo. Isso acontece devido a uma característica dos sentidos subjetivos que é a sua qualidade múltipla, circulante e sistêmica, que perpassa



vários momentos da experiência e vai organizando novas configurações subjetivas. Então, por completar os sentidos subjetivos nos variados espaços da vida cotidiana do ser humano “as configurações subjetivas representam uma produção dominante de sentidos subjetivos em relação a determinado campo da experiência, mas não emerge exclusivamente desse campo ou se esgota nele (SOUZA; TORRES, 2019, p. 45).

2.3 O Sujeito

O entendimento do conceito de sujeito, proposto na teoria da subjetividade, vem atrelado a compreender um sujeito que é um agente modificador de sua realidade frente ao que acontece individualmente e socialmente em sua vida, pois essas modificações (rupturas) estão ligadas às tensões psicológicas que nos abordam diariamente e provocam os conflitos necessários para que exista a ignição que evoca as alterações dos sentidos subjetivos e, por conseguinte, uma nova configuração subjetiva para que o sujeito se torne o agente reflexivo e crítico das suas próprias situações (REY; MARTÍNEZ, 2017). Dessa forma, para Rey (2007), o sujeito é descrito como alguém que é capaz de gerar seus próprios espaços de subjetivação e desenvolvimento nos diversos espaços sociais de seu cotidiano.

O individual sendo o sujeito modificador da sua realidade é alguém que surge com a capacidade de criar novos caminhos de se posicionar frente ao que é imposto e determinado a assumir um lugar de reflexão, crítica e produção intelectual, que gera novas fontes de sentidos subjetivos construindo assim caminhos alternativos e permitindo “romper com as limitações imediatas que determinada situação ou institucionalização do cotidiano apresenta (SOUZA; TORRES, 2019, p. 46). Nessa linha, Rey e Martínez (2017) propõem um sujeito que é compreendido a partir da teoria da subjetividade como

Um indivíduo ou grupo com a capacidade de se posicionar, de gerar, com seus posicionamentos, processos que estão além de seu controle e de sua consciência. É um indivíduo configurado subjetivamente, que gera sentidos subjetivos para além de suas representações, mas que, ao mesmo tempo, toma decisões, assume posicionamentos, tem produção intelectual e compromissos, que são fonte de sentidos subjetivos e abrem novos processos subjetivos (REY; MARTÍNEZ, 2017, p. 89).

E ser esse sujeito que modifica sua realidade, a partir dos conflitos resultantes de sua vivência no cotidiano individual e social não é algo que nasce ou se adquire, mas é uma característica que se conquista de forma permanente ao longo das experiências vivenciadas e partir da subjetivação ocorrida (REY, 2007). A condição de sujeito não se caracteriza o tempo todo, ela aparece quando as emoções são colocadas em conflitos



com as ações do indivíduo no momento da sua vida, pois o *status* do conflito é que desperta o sentimento do ser sujeito no indivíduo para que existam as modificações subjetivas necessárias para seu desenvolvimento (SOUZA; TORRES, 2019). Nesse sentido, Souza e Torres (2019), compreendem que a qualidade de sujeito

Emerge no exercício de suas elaborações singulares de pensamento frente ao vivido. É nesse exercício, subjetivamente dinamizado, que o desenvolvimento das possibilidades de ruptura com o instituído ganha força. Aqui, sublinha-se o pensamento como uma produção subjetiva, e não como exclusivamente uma construção racional. Isto não significa que toda forma de pensamento seja uma produção subjetiva. Implica que aqueles pensamentos emergentes no/do processo de subjetivação de uma relação social da pessoa são desdobramentos de sentidos subjetivos de origens múltiplas, os quais, por sua carga simbólico-emocional, singularizarão as tomadas de decisões da pessoa (SOUZA; TORRES, 2019, p. 48).

Assim, ser o sujeito na teoria da subjetividade é ser um indivíduo que diz não ao que é imposto e determinado para seu regramento, não aceitando as ordens que são colocadas de forma impositivas. Ser uma pessoa crítica, reflexiva e questionadora provoca diversos conflitos que transformam a subjetividade individual e social, sendo que o sujeito se exerce na legitimidade de seu pensamento, de sua reflexão e das decisões por ele tomadas (REY, 2005; 2007; REY; MARTÍNEZ, 2017).

2.4 Subjetividade Individual e Social

A subjetividade individual e social aparece como o último conceito que vem construir a teoria desenvolvida por Rey (2007). Tal conceito apresenta aspectos muitos particulares e que ajudam a compreender como a subjetividade é desenvolvida no ser humano. Nesse sentido, o individual e social são partes que carregam funções distintas e na subjetividade é mantida uma relação intersocial dinâmica, tensa e mutuamente constituída, deixando claro que a subjetividade social e a subjetividade individual não se somam, pois cada uma carrega os seus atributos e suas particularidades (SOUZA; TORRES, 2019).

A subjetividade individual é caracterizada pelos processos e formas de organização das histórias e vivências que cada ser humano carrega ao longo da sua vida e com o passar do tempo essa subjetividade vai cada vez mais ganhando sua singularidade, pois ao adquirir mais experiências o sujeito se torna único e concreto em suas especificidades. Segundo Rey (2005, p. 241), a subjetividade individual é compreendida como “a história única de cada um dos indivíduos, a qual, dentro de uma cultura, se constitui em suas



relações pessoais”. Cada indivíduo, apesar de ter lugares similares como família, trabalho, escola etc., produz os sentidos subjetivos e as configurações subjetivas de forma peculiar que surgem do processo de subjetivação experiencial (SOUZA; TORRES, 2019). Ademais, a subjetividade individual é organizada

[...] em torno de elementos essenciais na sua compreensão e desenvolvimento: o sujeito e a personalidade que interagem numa relação em que um é momento constituinte do outro sem que seja diluído por ele. O reconhecimento do caráter ativo, gerador, reflexivo e criativo do sujeito coloca a relação com o social em permanente estado de tensão e rupturas, podendo gerar novas unidades de subjetivação individual e social (ROSSATO; MARTÍNEZ, 2013, p. 290).

O social faz parte da vivência e da troca de experiências com outras pessoas, proporcionando assim crescimentos qualitativos dos processos psicológicos, pois viver é conviver com outras pessoas, culturas e hábitos, fazendo parte do processo de evolução do ser humano. Nesse sentido, a subjetividade social carrega os aspectos dos sentidos subjetivos e das configurações subjetivas que existem nos vários espaços sociais, criando uma complexidade entre esses sentidos e essas configurações que vêm de várias situações para formar uma unidade subjetiva social. Nesse processo, Rey (1996) definiu esse entendimento como sendo a

[...] Subjetividade social, precisamente o sistema integral de configurações subjetivas (grupais ou individuais), que se articulam nos diferentes níveis da vida social, envolvendo-se nas diferentes instituições, grupos e formações de uma determinada sociedade (REY, 1996, p. 100).

E também Rey e Martínez (2017, p. 100) apresentam que “a subjetividade social não se organiza por elementos, mas por configurações e sua construção é tão complexa como a construção das configurações subjetivas individuais”. Entender esses conceitos permite compreender como essa teia tão complexa é constituída e mantida, sendo uma materialização dos processos cognitivos dos seres humanos. Rey (1996) apresenta grandes contribuições quando desenvolveu sua teoria da subjetividade, pois podemos entender que para compreender como funcionam os processos da mente, não podemos separar o individual do social. Essa dicotomia não deve ser levada em consideração quando se trabalha com o sujeito que é o agente modificador dos seus processos únicos e coletivos.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa consistiu em compreender os pressupostos que influenciaram a escolha do LDQ por professores de Química relacionada à subjetividade que permeia esse processo. O estudo foi desenvolvido por meio de uma abordagem qualitativa, a qual “é um estudo detalhado de determinado fato, objeto, grupo de pessoas ou ator social e fenômenos da realidade” (OLIVEIRA, 2010, p. 60). Nesse sentido, a pesquisa visou buscar informações sobre determinado contexto social, utilizando-as para a construção e interpretação dos dados. O objeto de estudo escolhido apresenta particularidades e complexidades. Portanto, a abordagem qualitativa se caracteriza como uma das opções para o estudo dos fenômenos sociais, políticos e dialógicos que norteiam a educação.

Desta forma, a investigação ocorreu por meio de entrevistas realizadas com professores de Química atuantes em escolas de tempo integral da região metropolitana de Recife e que foram realizadas via WhatsApp®. Ao todo participaram 10 professores de Química que se voluntariaram e assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE). Para isso, optamos por usar a entrevista semiestruturada, pois é um tipo de entrevista “que combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender a indagações formuladas” (MINAYO; DESLANDES; GOMES, 2016, p. 59). Assim, com esse método, pretende-se ter um maior contato com o sujeito da pesquisa, obter-se um maior detalhamento sobre o que estamos pesquisando e seguir um roteiro para nos ater aos principais fatos relevantes ao objeto de pesquisa.

Dentro desse universo de escolas integrais situadas em uma Gerencia Regional de Educação (GRE) presente na Região Metropolitana do Recife (RMR), selecionamos seis escolas que apresentavam as melhores notas de desenvolvimento no IDEB, pois devido ao tamanho dessa região e quantidades de escolas integrais, não haveria tempo suficiente para visitarmos todas essas escolas. Assim, optou-se por esse critério para fazer o recorte do espaço empírico da pesquisa, totalizando um total de seis escolas que participaram da pesquisa.

Para garantir o anonimato das escolas selecionadas e dos professores participantes da pesquisa foram atribuídos nomes fictícios. As escolas foram atribuídas nomes dos planetas do sistema solar em ordem de distanciamento começando pelo planeta Terra. O Quadro 01 apresenta os nomes escolhidos.



Quadro 01: Nomes fictícios para caracterizar as escolas participantes da pesquisa

Nº da Escola	Nome fictício atribuído à escola
01	TERRA (T)
02	MARTE (M)
03	JÚPITER (J)
04	SATURNO (S)
05	URANO (U)
06	NETUNO (N)

Fonte: Própria.

Assim, para identificar os professores optamos por chamá-los de DQ00, em que DQ refere-se a Docente de Química e 00 o número atribuído a cada um dos professores participantes, garantindo seu anonimato. O Quadro 02 apresenta os dez sujeitos participantes e as escolas em que eles atuam no componente curricular de química. Ressalta-se que a participação dos professores foi voluntária, por este motivo há algumas escolas que participaram mais de um docente.

Quadro 02: Docente de Química e a escola em que atua como professor.

Identificação	Escola que atua como professor
Docente de Química 01 (DQ01)	TERRA(T)
Docente de Química 02 (DQ02)	MARTE (M)
Docente de Química 03 (DQ03)	JÚPITER (J)
Docente de Química 04 (DQ04)	SATURNO (S)
Docente de Química 05 (DQ05)	TERRA(T)
Docente de Química 06 (DQ06)	URANO (U)
Docente de Química 07 (DQ07)	URANO (U)
Docente de Química 08 (DQ08)	JÚPITER (J)
Docente de Química 09 (DQ09)	VÊNUS (V)
Docente de Química 10 (DQ10)	VÊNUS (V)

Fonte: Própria.

Foram elaboradas e organizadas etapas a fim de permitir a visualização geral do caminho que será percorrido, partindo dos elementos básicos da pesquisa. Consideramos 3 etapas: Contato com a coordenadora dos professores de Química da Gerencia Metropolitana Sul (GMS); contato com os atores sociais da pesquisa; aplicação da entrevista semiestruturada.

Para qualificar os dados da pesquisa foi utilizada a análise de conteúdo proposta por Bardin (2016) como método que possibilita analisar e investigar a complexidade da escolha do LDQ pelos professores a partir da subjetividade que existe neste processo. A análise de conteúdo (AC) tem o objetivo de compreender a linguagem e a mensagem transmitidas pelo interlocutor e que podem se manifestar em diversas formas de comunicação. Esse procedimento não só leva em conta a linguagem verbal, mas todo tipo de formas de transmitir informações. A AC proposta por Bardin (2016) apresenta três elementos chaves para o desenvolvimento dessa técnica de análise: descrição, inferência e interpretação. A descrição consiste na enumeração exaustiva das características do



texto analisado; a inferência consiste na dedução de maneira lógica das condições de produção e significado do conteúdo analisado; e a interpretação tem por escopo dar significado ao que está sendo analisado (BARDIN, 2016).

Todo método de pesquisa que é usado para qualificar os dados carrega aspectos fundamentais que definem a metodologia e o caracteriza como único. Na AC, esses elementos propostos por Bardin (2016) são expostos como sendo uma análise dos significados da mensagem, existindo o papel da categorização de fragmentos da comunicação para a validação do processo, delimitação das unidades de codificação para o trabalho do analista nas mensagens e suas delimitações. É também necessário definir as unidades de contexto, que são maiores que as de codificação. Assim, após o tratamento dos dados obtidos com as entrevistas com os professores de Química, partimos para a criação das categorias para realização das análises. Segundo Bardin (2016), a categorização é o processo de classificação de elementos que pertencem ao conjunto diferente, e em seguida reagrupá-los com critérios bem definidos. Assim, o critério que utilizamos para realizar o reagrupamento foi o semântico, pois ele é usado para categorias temáticas, nas quais todos os temas que apresentam o mesmo significado ficam agrupados nas categorias referentes ao seu tema específico (BARDIN, 2016).

Nesse sentido, o Quadro 03 apresenta as categorias e subcategorias para a análise dos dados, as quais se apresentam em categorias *a priori* e *a posteriori*. As categorias *a priori* são as concepções, os sujeitos, os sentidos e a subjetividade individual e coletiva, elas abordam os pressupostos que levaram os professores a escolherem os LDQ. Para analisarmos e categorizarmos, especificamente, os pressupostos que influenciam na escolha docente, partimos para o entendimento da Teoria da Subjetividade, proposta por Rey (1996), na qual apresenta atributos que contribuem para o entendimento da complexidade que cada pessoa carrega, transformando-as ao longo de suas experiências de vida, elencando os aspectos voltados para os sentidos subjetivos. Em relação às categorias *a posteriori* (subcategorias), estas emergiram a partir das falas dos professores participantes das entrevistas (Quadro 03).



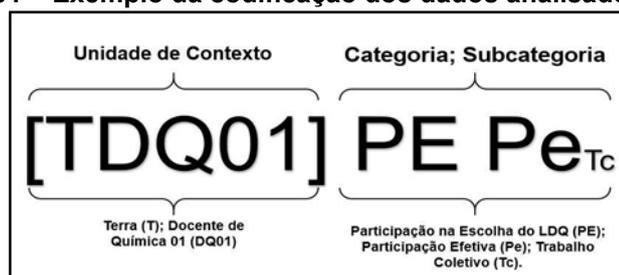
Quadro 03: Categoria, subcategorias e codificação atreladas aos pressupostos que levam os professores a escolherem o LDQ.

Categorias	Subcategoria	Subcategoria	Codificação
Concepção sobre o LDQ (C)		Facilitador (F)	CFcF
	Fonte confiável (Fc)	Guia (G)	CFcG
		Vestibular (V)	CFcV
	Acesso Democrático (Ad)	Caráter Socioeconômico (Cs)	CAdCs
	Material Democrático (Md)	-----	CMd
Sujeito (SU)	Reflexivo (R)	-----	SUR
	Crítico (C)	-----	SUC
	Agente modificado (Am)	-----	SUAm
	Produção Intelectual (Pi)	-----	SUPi
Sentidos (SE)	Emocional do Sujeito (Es)	-----	SEEs
	Experiência de Vida (Ev)	-----	SEEv
	Dinâmica de Vida (Dv)	-----	SEDv
Subjetividade Individual e Social (SIS)	Coletividade (C)	-----	SISC
	História de Vida (Hv)	-----	SISHv
	Singularidade (S)	-----	SISS

Fonte: Própria.

Com o intuito de manter o anonimato, assegurado aos envolvidos na pesquisa, foram preservados a identificação dos professores, adotando códigos alfanuméricos. Para manter a fidedignidade das narrativas, as transcrições foram realizadas após a gravação das entrevistas. Na codificação adotada primeiro se destaca a unidade de contexto, sendo representada pela codificação referente a escola que o docente trabalha e ao próprio docente, em seguida vem a categoria em que o dado identificado se enquadra (representada por duas letras em maiúsculas), a subcategoria que a resposta analisada pertence (representada por uma letra maiúscula e outra minúscula) e por fim a segunda subcategoria (quando existir) será representada em letras maiúsculas e minúsculas subscritas. Conforme o exemplo apresentado na Figura 01.

Figura 01 – Exemplo da codificação dos dados analisados.



4 PRESSUPOSTOS QUE INFLUENCIAM NO PROCESSO DE ESCOLHA DO LDQ

A partir do que foi exposto, apresentaremos nesta seção os pressupostos que influenciaram a seleção do LDQ pelos professores de Química no processo de seleção do livro à luz da teoria da subjetividade. Desse modo, serão apresentados os pressupostos que levaram os professores de Química a escolherem determinado LDQ a partir das quatro categorias investigadas (Concepção sobre o LDQ, Sujeito, Sentidos e Subjetividade Individual e Social).

No que diz respeito a categoria **concepção sobre o LDQ (C)**, trata-se de um conjunto de crenças e de conhecimentos construídos ao longo da história, num contexto interpessoal e intrapessoal. Desta forma, podemos entender essa percepção sobre o LDQ a partir de algumas falas dos professores entrevistados.

Para o professor DQ06 o LDQ apresenta

[...] uma importância grande, por ser muito utilizado, até porque a gente na escola não tem assim uma gama de equipamentos tecnológicos, não tem muita tecnologia para ser aplicada, e internet que facilite as coisas, então acaba que o livro didático, acaba sendo explorado bastante durante as aulas (**UDQ06CMd**).

Para este professor o livro tem uma grande importância no processo de ensino e aprendizagem, pois ele supre a falta de tecnologia na escola, oportunizando o acesso a informações oficiais e consideradas por ele como verdadeiras. Vivemos na era da tecnologia e da informação, em que os estudantes têm acesso a diversos conteúdos informacionais e assim o LDQ é mais um recurso que pode garantir um acesso mais seguro a informações científicas sobre o conteúdo químico (LEITE, 2015).

Nos dados analisados, acerca das entrevistas com os professores, observamos inferências sobre a facilitação do processo pedagógico das aulas a partir do LDQ. Os professores compreendem que o LDQ contribui para a moderação das aulas, sendo um facilitador da prática pedagógica em sala de aula e apresentando mais condições de se ministrar o conteúdo químico. A título de ilustração, apresentamos um trecho da fala do professor DQ02 em que ele destaca que o LDQ contribui para

[...] facilitar no dia a dia na sala de aula, pelo fato dos alunos disponibilizarem dos livros didáticos de química e então facilita o trabalho do professor porque é trabalhar o livro mesmo, porque a gente não precisa está copiando o conteúdo para que o aluno copie como ele mesmo já tem o conteúdo no livro facilita o trabalho do professor (**MDQ02CFcF**).

O professor DQ03 entende também que esse recurso didático é



sem dúvida é muito importante ele é o seu apoio, ele é o norte para o aluno, ele tem o conteúdo para que o aluno possa fazer pesquisas, para que o aluno possa fazer leituras, tem os experimentos também que já tem aquele roteiro organizado e você ganha muito tempo em sala de aula com o uso do livro didático (**JDQ03CFcG**).

Neste sentido, o LDQ vem contribuir para a prática do professor em sala de aula apresentando possibilidades de discutir o conteúdo químico e podendo trazer para o estudante discussões que permitam que ele se interesse e passe a gostar da Química, além de ajudar em pesquisas, favorecendo a prática experimental e o preparar para dar continuidade a vida acadêmica (SOUSA, 2017).

Destarte, o LDQ se apresenta na concepção docente como: um material facilitador do trabalho pedagógico; um recurso atuante no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes; um material democrático dentro do ambiente escolar; *status* de material que proporciona uma igualdade a todos que têm acesso a esse livro.

Compreendendo a importância atribuída ao LDQ pelos professores, partimos para os pressupostos que estão ligados a escolha do LDQ à luz da teoria da subjetividade.

4.1 Aspectos ligados aos sentidos e as configurações subjetivas

Apresentamos agora aspectos relacionados a categoria do **sentido (SE)** abordado na teoria da subjetividade relacionando com as falas dos professores, pois o sentido, segundo Rey (2005), é o menor elemento atrelado a subjetividade que cada pessoa carrega ao longo de sua vida e dá sentido ao que é experienciado ao longo desse caminho. Nesse sentido, a partir das falas dos professores buscamos identificar quais os sentidos são atribuídos ao LDQ que foi selecionado e de que forma influenciou nessa escolha.

Partimos de algumas falas dos professores ao se expressaram acerca do LDQ, assim o professor DQ06 considera que esse recurso tem o sentido de mostrar ao estudante que a Química está em sua vida desde coisas simples até as mais complexas, conforme podemos observar em sua fala

o aluno acaba se situando não o conteúdo pelo conteúdo, mas o conteúdo com a sua aplicação e ele acaba percebendo que a química está na vida dele, no cotidiano dele o tempo todo desde coisas bem simples como um preparo de um café até coisas bem mais complexas (**UDQ06SEEv**).

Contribuindo para essa compreensão do sentido atribuído ao LDQ, o professor DQ05 afirma que o livro pode contribuir para o entendimento dos aspectos naturais que envolve nosso cotidiano, pois em sua fala ele apresenta que esse recurso “vai ajudar a



gente como uma ferramenta que pode ser trabalhado com as outras disciplinas e também na promoção da compreensão do mundo como ele está hoje” (**TDQ05SEDv**). Assim, os sentidos são construídos durante o curso do processo experiencial de vida de cada indivíduo, caracterizando o que a pessoa carrega de sentidos, definido a natureza subjetiva das experiências humanas. Essa dinâmica acontece no processo da vida social, pois as atividades são organizadas culturalmente facilitando a união do passado, presente e futuro sendo uma qualidade da produção subjetiva (REY; MARTÍNEZ, 2017).

Destarte, esse atributo não seria diferente nos aspectos ligados a seleção do LDQ, uma vez que cada professor carrega o sentido que a sua experiência de vida lhe proporcionou sobre esse recurso didático e desta forma podendo contribuir para a escolha do material mais adequado a uma realidade subjetiva que se torna dinâmica a todo momento e refletindo em vários aspectos ligados ao processo escolar, de aprendizagem e do trabalho pedagógico. Conquanto, Rey (2017, p. 183) destaca que “os sentidos subjetivos são unidades emocionais-simbólicas instantâneas que caracterizam o fluxo da experiência humana conforme a vida é vivida subjetivamente”. Nesse contexto, os sentidos subjetivos são os “caminhos pelos quais o passado e a diversidade de experiências presentes vividas por indivíduos em diferentes instâncias sociais são integrados em uma configuração subjetiva” (REY, 2017, p. 183).

O professor DQ06 também apresenta essas características das configurações subjetivas, pois observamos que para o professor DQ06 as configurações subjetivas estão sempre em mudanças a partir do que é experienciado ao longo de sua jornada de vida e de trabalho, sendo o uso do LDQ vinculado a diversos momento, como

elaborar desafios, elaborar jogos que façam com que o estudante vá manusear o livro didático, que ele vá fazer a leitura do livro didático eu acho que é o que primeiro vem a minha cabeça é fazer isso, trabalhar o livro em desafios e jogos, criar uma sequência didática, criar um jogo, criar alguma metodologia em que ele precise recorrer ao livro, recorrer aquela leitura do livro para poder vencer esse desafio (**UDQ06SEDv**).

Neste sentido, compreendemos que há integração de múltiplas formas dinâmicas de utilização do LDQ em torno de um sentido psicológico específico do contexto escolar, que vai se somando as configurações subjetivas existentes e criando um novo nível qualitativo da organização psíquica e cognitiva referente ao que é experienciado na utilização desse recurso didático (REY, 1995). Destarte, a internalização de que o LDQ faz parte do contexto escolar e pode ser usado como um atributo promotor nos processos de ensino aprendizagem, de forma dinâmica e dialética, sempre existindo uma troca entre o que já foi internalizado e o que está passando pelo processo de subjetivação, ganhando



sentido e fazendo parte do aglomerado de sentidos denominado de configuração subjetiva.

4.2 Aspectos ligados ao sujeito

Esta subseção está relacionada com a categoria **sujeito (SU)**, pois os sentidos subjetivos são desenvolvidos ao longo de toda experiência de vida e esses constroem a rede que é a configuração subjetiva, sendo algo dinâmico. Nesse sentido, a partir dessas duas características (sentido e as configurações subjetivas), o ser humano pode adquirir o *status* de sujeito que na teoria da subjetividade é alguém que modifica seu meio e fala não ao que é normatizado, ele tenta ser um sujeito crítico e transformador do que está a sua volta (REY; MARTÍNEZ, 2017).

A partir das respostas dos professores na entrevista, identificamos que o professor DQ07 aponta que o LDQ “não é um limitador, mas ele é um facilitador, ele precisa ser utilizado como um facilitador do processo de ensino e aprendizagem” (**UDQ07SEDv**). Ademais, DQ07 compreende que o LDQ é uma fonte de informação segura que pode contribuir para o desenvolvimento do ser sujeito nos seus estudantes, pois com informações confiáveis os estudantes podem adquirir o conhecimento químico de forma mais segura e efetiva e desenvolverem seu senso crítico sobre o que está ao seu redor e poder tomar as atitudes apropriadas. Em sua fala, DQ07 destaca que o LDQ “[...]é uma fonte de informação, é uma busca do saber, é uma fonte de aprimorar conhecimento, então a importância do livro didático é que o livro didático sempre será importante por mais simples e limitado que ele seja” (**UDQ07SUAm**).

Outro ponto que pode contribuir para o desenvolvimento do ser *sujeito* é a autonomia que o livro pode trazer para os estudantes, pois cada pessoa sendo dona de sua autonomia pode quebrar barreiras e as normativas que a sociedade constrói ao longo de toda sua formação (SOUZA; TORRES, 2019). O docente DQ03, por exemplo, sinaliza que o livro “[...] tem nos seus conteúdos uma sugestão de práticas organizadas que podemos marca com o estudante e tem práticas que o estudante pode fazer em casa e também tem questão de trabalhar a parte teórica, fazer uma pesquisa no livro” (**JDQ03SUPi**).

Compreendemos que o *status* de sujeito pode fazer parte no processo de uso do LDQ, pois os docentes entendem que o livro contribui para a construção do ser social como alguém crítico e que pode mudar o que está a sua volta. Os professores carregam essa particularidade, visto que podem contribuir para essa construção, sendo um agente



construtor de conhecimento e desenvolvedor do senso de sujeito atribuído pela teoria da subjetividade (MONTE; LUSTOSA, 2019).

4.3 Aspectos ligados a subjetividade individual e coletiva

Os aspectos ligados a categoria **subjetividade individual e social (SIS)** é um atributo que vem com a perspectiva de tornar o sujeito único e ao mesmo tempo coletivo, pois cada pessoa carrega consigo suas vivências e experiências construídas ao longo de toda sua trajetória e ao mesmo tempo, esse sujeito (único), faz parte de um social que pode partilhar de aspectos semelhantes da coletividade que aborda determinado assunto (ROSSATO; MARTÍNEZ, 2013; REY; MARTÍNEZ, 2017; SOUZA; TORRES, 2019).

Uma vez que os professores carregam sentidos individuais e o ambiente escolar carrega subjetividades coletivas, a escola apresenta suas particularidades e multiplicidades, sendo um espaço de construção do conhecimento podendo, desta forma, desenvolver características que contribuam para o desenvolvimento da comunidade escolar. No que diz respeito aos aspectos da subjetividade individual e coletiva, o professor DQ05 diz que

não sou eu que detenho o conhecimento, possuo algumas informações e quero desenvolver com eles, e eles possuem as informações deles e vou incorporar também, sendo uma troca de conhecimento que é feita sempre, você aprende na linguagem dele o que ele quer, então o aluno é que tem que está no centro do processo, analisando como é a melhor forma de se trabalhar e não ficar achando que somos dono da informação e ficar dizendo o que eles tem que aprender (**TDQ05SISC**).

Percebe-se na fala do professor que o processo educacional, para ele, é formado tanto pela individualidade, como pela coletividade que o ambiente social carrega consigo e na existência dessa troca de informação pelos atores envolvidos nesse processo de ensino e aprendizagem (MONTE; LUSTOSA, 2019).

O LDQ assume uma característica de difusor de informações, pois esse recurso didático pode contribuir como um ampliador da visão do mundo do estudante apresentando questões sociais e científicas. Desta maneira, o estudante relaciona a sua subjetividade individual, a subjetividade coletiva apresentada pelas informações trazidas no LDQ, tornando-se nesse contexto um processo dinâmico de troca de sentidos entre o que já está construído e o que está em construção (ALMEIDA; MARTÍNEZ, 2019). Essa característica pode ser observada na fala do professor DQ09 que entende que o

livro didático quando bem contextualizado amplia a visão de mundo para o aluno, oferecendo leituras complementares, relatos de tecnologias



inovadoras, vejo o livro didático como uma ferramenta de aprendizado mesmo, de acesso à informação. Então o livro didático hoje ele é visto dessa forma, eu o entendo como essa ferramenta (VDQ09SISC).

Já o professor DQ07 converge com essa afirmação ao apontar que o LDQ muitas vezes é a única fonte de busca de informação dos estudantes e que

para muitos alunos ele é o único local da busca, a única fonte que esses alunos vão ter. A gente saber que a internet está aí, mas para realidade de uma escola pública do Estado de Pernambuco, a gente sabe que muitos alunos ainda não tem esse acesso à internet, então o livro é para o aluno, nessa situação, o único lugar que ele consegue encontrar algumas informações a mais para ler e ter um suporte para o estudo (UDQ07SISC).

A partir das falas dos professores observamos que a subjetividade é singular em cada ser, mas existem características similares que a torna parte complexa do coletivo, proporcionando assim entendimento sobre determinado fato conhecido e estudado. A teoria da subjetividade apresenta essa perspectiva com a intenção de contribuir para o entendimento dos contextos em que o ser humano convive, compreendendo que cada pessoa carrega nas suas vivências e o que essas experiências podem contribuir para o entendimento de um coletivo (REY; MARTÍNEZ, 2017; SOUZA; TORRES, 2019).

Na perspectiva da subjetividade individual e coletiva, os professores podem internalizar esse material como um recurso de apoio a sua prática em sala de aula e assim trazer mais oportunidades de utilização desse material didático de uma forma que aborde todos os aspectos necessários ao desenvolvimento dos estudantes e provoquem mudanças significativas no desenvolvimento desses protagonistas no uso do LDQ (MONTE; LUSTOSA, 2019; ALMEIDA; MARTÍNEZ, 2019; ARAÚJO; LEITE, 2021).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo se destacou os aspectos relacionados a teoria da subjetividade relacionando aos pressupostos que levam os professores a escolherem os LDQ. A subjetividade é algo que está presente na seleção desse recurso didático, pois cada subjetividade individual carrega suas particularidades e ao mesmo tempo essas individualidades são colocadas de encontro com a coletividade escolar, existindo assim uma troca de informações e atitudes acerca do LDQ e do contexto social, dialógico e cultural escolar.

A partir do que foi exposto sobre os aspectos da teoria da subjetividade (sentido, configuração subjetiva, sujeito e subjetividade individual e coletiva), compreendemos que os professores apresentam pressupostos sobre o LDQ, pois eles expõem o sentido de



que esse material é de fundamental importância para o processo escolar. As respostas dos professores também mostram que esses sentidos vão se configurando ao longo de sua trajetória de trabalho e de vida (aspecto da configuração subjetiva), visto que apresentam novos aspectos atribuídos ao livro, criando assim um novo nível qualitativo de entendimento sobre o LDQ, gerando novos sentidos e configurações subjetivas.

No que diz respeito do aspecto sujeito, esta pesquisa pode observar que os professores atribuem ao livro essa característica de elemento transformador de pensamentos e modificador de atitudes, dado que o livro apresenta informações seguras, práticas experimentais que podem desenvolver a autonomia do estudante e que ele diminui a desigualdade social entre os estudantes.

Em relação ao aspecto subjetividade individual e coletiva, estas aparecem naturalmente nas falas dos professores, uma vez que eles entendem que há uma troca de informação entre o professor e o estudante e que cada um traz conhecimentos sobre determinados fatos, acontecendo assim uma dinâmica de troca de informações entre ambas as partes envolvidas no processo de ensino e aprendizagem. Também é apontado pelos professores que o livro é um ampliador de informação, dado que ele carrega informações científicas que podem ampliar a visão de mundo dos seus usuários e assim alimentar a subjetividade individual e coletiva, e por fim que o livro pode ser compreendido como um diminuidor das desigualdades sociais, uma vez que ele iguala seus usuários no seu uso e nas informações fornecidas em seu conteúdo, fazendo com que cada estudante tenha acesso ao mesmo conteúdo de forma igualitária de acesso à informação.

Ao encerrar as ideias expostas aqui, a partir deste recorte de uma pesquisa de mestrado, esperamos que esta investigação possa inspirar novos ciclos de pesquisa, com vistas que os dados analisados possam contribuir com o avanço dos debates sobre a escolha do livro didático no Brasil envolvendo a teoria da subjetividade (REY; MARTÍNEZ, 2017) e que novos estudos, considerando aos aspectos da subjetividade (sentido, configuração subjetiva, sujeito e subjetividade individual e coletiva), possam colaborar com o entendimento dos fatores que permeiam a escolha desse material didático presente no contexto escolar, político e social de estudantes e professores.



REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, P; MARTÍNEZ, A. M. A Configuração Subjetiva da Ação do Aprender. **Obutchénie. Revista de Didática e Psicologia Pedagógica**, v. 3, n. 1, p. 88-113, 2019.
- ALVES, M. F. S.; MAGALHÃES JÚNIOR, C. A. O. A escolha do livro didático de Física e sua utilização em sala de aula. **Debates em Educação**, v. 12, n. 26, p. 67-82, 2020.
- ARAÚJO, R. S.; LEITE, B. S. Revisão Bibliográfica sobre Pesquisas com Livros Didáticos de Química: Análise das Funções Identificadas. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências**, v. 21, p. e27011, 1–26, 2021.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 3. ed. São Paulo: Edição 70, 2016. 279 p.
- LEITE, B. S. **Tecnologias no ensino de Química: teoria e prática na formação docente**. 1ª ed. Curitiba: Appris, 2015.
- MINAYO, M. C. S; DESLANDES, S. F; GOMES, R. **Pesquisa social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2016.
- MONTE, P. M; LUSTOSA, A. V. M. F. Os processos subjetivos de professores no trabalho pedagógico com alunos com altas habilidades/superdotação. **Obutchénie. Revista de Didática e Psicologia Pedagógica**, v. 3, n.1, p. 205-237, 2019.
- OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2010.
- REY, F. L. G. **Advancing in subjectivity from a cultural-historical perspective: unfoldings and consequences for cultural studies today**. In: M. Fler, F. G. Rey; N. Veresov (Eds.). *Perezhivanie, emotions and subjectivity: Advancing Vygotsky's legacy*. Singapore: Springer, 2017.
- REY, F. L. G. **Comunicación, personalidad y desarrollo**. Habana: Editorial Pueblo y Comunicación, 1995.
- REY, F. L. G. **Problemas epistemológicos de la psicología**. Habana: Editorial Academia, 1996.
- REY, F. L. G. **Psicoterapia, subjetividade e pós-modernidade: uma aproximação histórico-cultural**. São Paulo: Thomson Learning, 2007.
- REY, F. L. G. **Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.
- REY, F. L. G.; MARTÍNEZ, A. M. **Subjetividade: teoria, epistemologia e método**. São Paulo: Alínea, 2017.
- ROSSATO, M; MARTÍNEZ, A. M. Desenvolvimento da subjetividade: análise de histórias de superação das dificuldades de aprendizagem. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 17, n. 2, p. 289-298, 2013.
- SOUZA, E. C; TORRES, J. F. P. A Teoria da Subjetividade e seus conceitos centrais. **Obutchénie. Revista de Didática e Psicologia Pedagógica**, v. 3, n. 1, p. 34-57, 2019.

